

CADERNO DE RESUMOS

PRIMEIRO COLÓQUIO JANE AUSTEN BRASIL - 2026





PRIMEIRO COLÓQUIO JANE AUSTEN BRASIL

Realização: Jane Austen Sociedade do Brasil

Coordenação geral e Organização:
Adriana dos Santos Sales (CEFET-MG)
Sandra Sirangelo Maggio (UFRGS)

Comissão científica:
Adriana dos Santos Sales (CEFET-MG)
Bianca Deon Rossato (IFSul-Gravataí)
Natália Corrêa Porto Fadel Barcellos (UNESP Araraquara)
Sandra Sirangelo Maggio (UFRGS)

Comissão técnica:
Luciene Rezende Freitas (CEFET-MG)
Mirian Eliete Sodré (UFRGS)
Vitoria Barcellos da Luz (UFRGS)

Responsáveis pelo caderno de resumos:
Adriana dos Santos Sales (CEFET-MG)
Luciene Rezende Freitas (CEFET-MG)

Nota: A revisão ortográfica dos textos, bem como sua adequação às normas vigentes da ABNT são de total responsabilidade dos autores.

APRESENTAÇÃO

Este Caderno de Resumos reúne os trabalhos apresentados no 1º Colóquio Jane Austen Brasil – 18 anos de leituras e pesquisas, evidenciando a amplitude e a diversidade teórico-metodológica que vêm caracterizando os estudos austenianos no Brasil contemporâneo.

As comunicações e palestras aqui compiladas demonstram a permanência e a vitalidade da obra de Jane Austen como campo profícuo de investigação interdisciplinar, articulando contribuições provenientes da literatura, da educação, da filosofia, dos estudos culturais e das pesquisas em mídia.

O conjunto dos trabalhos reafirma, ainda, a relevância da interlocução entre comunidade acadêmica e comunidade leitora como espaço de produção, circulação e consolidação do conhecimento, fortalecendo redes de pesquisa e ampliando os horizontes críticos em torno da autora.

Adriana Sales (CEFET-MG)
)



ÍNDICE

PÁGINA

- 07 A ARTE COMO PRIVILÉGIO: UMA LEITURA DA OBRA DE JANE AUSTEN SOB A ÓTICA DA DISTINÇÃO CULTURAL**

Alicia Alana A. Álvares e Samira Eduarda S. Ribeiro

- 08 A VOZ DA MULHER EM ORGULHO E PRECONCEITO (1813)**

Alessandra M. da S. Oliveira e Marciana de S. Gonçalves

- 09 AUSTENMANIA NO BRASIL: CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE UM ARQUIVO INTERMIDIAL**

Elaine Barros Indrusiak

- 10 COMO SER HUMILHADO APROPRIADAMENTE: JANE AUSTEN, JOE WRIGHT E A FILOSOFIA DO CASAMENTO**

Igor Costa do Nascimento

- 11 COMPLETELY AWAKENED: O GÓTICO RACIONALIZADO DE NORTHANGER ABBEY (1817) E A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA**

Maria Luiza Ribeiro Buzian

- 12 DO TEXTO À CAPA: COMO AS EDIÇÕES BRASILEIRAS APRESENTAM JANE AUSTEN NA CONTEMPORANEIDADE**

Luciene Resende de Freitas e Adriana dos Santos Sales

ÍNDICE

PÁGINA

- 13 ENTENDENDO JANE AUSTEN A PARTIR DAS ROUPAS**

Juliana Lopes

- 14 ENTRE O GÓTICO E A IRONIA: LEITURAS DE NORTHANGER ABBEY E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

Morgana Rafaela de Andrade

- 15 JANE AUSTEN E A ESCRITA FEMININA: A CONFIGURAÇÃO DE NOVOS MODELOS DE MULHER EM A ABADIA DE NORTHANGER E ORGULHO E PRECONCEITO**

Laila Mendes Correia

- 16 JANE AUSTEN NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LITERATURA CLÁSSICA**

Maria Suelen Lins dos Santos

- 17 JANE AUSTEN SOB O OLHAR BRASILEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO DA ADAPTAÇÃO DE ORGULHO E PRECONCEITO PARA A TELEVISÃO BRASILEIRA**

Alice Cesar Lourenço

- 18 LITERATURA NA SALA DE AULA DE INGLÊS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM PRIDE AND PREJUDICE, DE JANE AUSTEN**

Stefani Moreira Aquino Toledo

ÍNDICE

PÁGINA

- 19 O DESIGN DE CAPA DE LIVROS LITERÁRIOS: UM ESTUDO A PARTIR DE EMMA**

Jhuliana Maria Silva de Souza e Letícia Lima de Barros

- 20 O SISTEMA LEGAL DA PRIMOGENITURA E SUAS IMPLICAÇÕES EM RAZÃO E SENSIBILIDADE: O CONTRASTE ENTRE A EVOLUÇÃO DO DIREITO E A PERMANÊNCIA DA SUBORDINAÇÃO FEMININA**

Samira Eduarda Soares Ribeiro e Adriana dos Santos Sales

- 21 ORGULHO E PAIXÃO: JANE AUSTEN NO INTERIOR DE SÃO PAULO**

Ana Lucia Teixeira Mendes da Fonseca

- 22 “ORGULHO E PRECONCEITO”: DA PRODUÇÃO LITERÁRIA A PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA**

Mikaelly Keila Pereira da Silva

- 23 PRINCÍPIOS EDUCATIVOS FEMININOS E A FORMAÇÃO FEMININA EM RAZÃO E SENSIBILIDADE (1811)**

Emanelly Dias dos Santos

- 24 “SERÁ A SENHORITA TÃO SEVERA EM RELAÇÃO A SEU PRÓPRIO SEXO”(?): SOCIEDADE, FAMÍLIA E CASAMENTO EM ORGULHO E PRECONCEITO DE JANE AUSTEN**

Marina Pereira Outeiro

A ARTE COMO PRIVILÉGIO: UMA LEITURA DA OBRA DE JANE AUSTEN SOB A ÓTICA DA DISTINÇÃO CULTURAL

ALÍCIA ALANA ALVES ÁLVARES E SAMIRA EDUARDA SOARES RIBEIRO

Resumo: Este trabalho analisa Orgulho e Preconceito (1813), de Jane Austen, como representação das dinâmicas de distinção cultural na Inglaterra regencial, investigando a arte como privilégio social e marcador de pertencimento de classe. Inserida em um contexto de florescimento cultural e intensas desigualdades sociais, a obra evidencia como práticas artísticas — música, leitura, domínio de línguas e apreciação estética — funcionavam como capital simbólico das elites. A análise fundamenta-se no conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu (1998), que comprehende a cultura como mecanismo de reprodução de hierarquias sociais, articulado ao debate estético de David Hume (1987) sobre o taste, entendido como resultado de educação e refinamento socialmente condicionados. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, baseada na leitura crítica do romance austeniano em diálogo com estudos históricos sobre a Era Regencial. A investigação privilegia passagens que revelam a associação entre arte, sociabilidade e identidade feminina, evidenciando como as chamadas accomplishments operam simultaneamente como ornamento e instrumento de distinção social. A obra de Austen, ao retratar a formação das mulheres como consumo cultural, expõe os limites do acesso à arte e problematiza sua função na legitimação das desigualdades. Conclui-se que a literatura austeniana não apenas registra práticas culturais de seu tempo, mas as transforma em crítica social, revelando a arte como espaço de tensão entre privilégio, gênero e mobilidade social.

Palavras-chave: Jane Austen; capital cultural; Era Regencial; artes; classe social.

A VOZ DA MULHER EM ORGULHO E PRECONCEITO (1813)

ALESSANDRA MARIA DA SILVA OLIVEIRA E MARCIANA DE SOUSA GONÇALVES

Resumo: Em contexto patriarcal e estratificado, Jane Austen ousou ao dar voz e vez à mulher em seus romances de costume, além de resistir – por meio da escrita – tanto ao estigma inferior desse gênero literário em formação quanto na ousadia de escrever como mulher. Ademais, essa escritora inglesa transcendeu o tempo ao expor em seus textos as questões femininas vivenciadas por ela e por suas personagens principais. Provavelmente esse é o fator que explica a razão das protagonistas de seus livros estarem tão vivas no imaginário literário quanto quando foram criadas. Destarte, esta pesquisa analisa a obra célebre da autora, Orgulho e Preconceito (1813) – cujos desdobramentos produzem debates sobre classes, casamento e a voz feminina no século XIX – focando na construção da protagonista frente aos impasses sociais. O objetivo principal é discutir como a voz da mulher é retratada nesse âmbito conservador, observando a autenticidade e a profundidade dela na narrativa. Mas para que isso aconteça, capítulos do romance serão destacados frente às análises das teorias de Virgínia Woolf (2014) em Um teto todo seu, Sandra Vasconcelos (2002) em As dez lições do romance inglês e Antônio Cândido et al. (1969) em A personagem de ficção. Portanto, a metodologia utilizada é bibliográfica com abordagem qualitativa, fundamentada nessas discussões. De acordo com os resultados preliminares, Elizabeth Bennet não é somente uma personagem à frente de seu tempo, mas é também a representação de uma mulher que se posiciona em sociedade patriarcal.

Palavras-chave: literatura; Jane Austen; Elizabeth Bennet; voz da mulher.

AUSTENMANIA NO BRASIL: CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE UM ARQUIVO INTERMIDIAL

ELAINE BARROS INDRUSIAK

Resumo: A recepção da obra de Jane Austen no Brasil não pode ser compreendida adequadamente a partir de uma lógica exclusivamente literária ou estritamente tradutória. Desde sua entrada no sistema literário brasileiro, na década de 1940, a obra de Jane Austen configura-se como um produto cultural de natureza intermidiática, cuja circulação, legitimação e renovação têm se ancorado fortemente em mediações audiovisuais e em seus desdobramentos editoriais. Tal configuração autoriza compreender as repercussões da chamada Austenmania no polissistema literário-cultural brasileiro não como um fenômeno episódico ou meramente mercadológico, mas como a construção progressiva de um arquivo cultural aberto, alimentado por traduções, adaptações, reescrituras e práticas derivativas. Nesse contexto, torna-se fundamental enfatizar que a leitura e o estudo críticos dos romances de Jane Austen exigem atenção às diversas estratégias e finalidades dos processos adaptativos e apropriativos, uma vez que o acesso à sua obra é sempre mediado e atravessado por interpretações que respondem a agendas e vieses por vezes muito diversos daqueles que pautaram seu contexto de criação. Esta comunicação sistematiza dados de pesquisas recentes em historiografia da tradução que evidenciam a forte articulação entre os sistemas literário e audiovisual na constituição do arquivo Jane Austen no Brasil, refletindo sobre o papel das adaptações na recepção crítica de sua obra.

Palavras-chave: austenmania; intermidialidade; adaptação; arquivo; polissistema.

COMO SER HUMILHADO APROPRIADAMENTE: JANE AUSTEN, JOE WRIGHT E A FILOSOFIA DO CASAMENTO

IGOR COSTA DO NASCIMENTO

Resumo: Uma parte significativa da recepção filosófica de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen, foi centrada no debate acerca do casamento. Uma posição comum seria que muitos autores encontram no livro uma crítica ao casamento, denunciando-o como uma forma de dominação masculina. Por outro lado, há autores que defendem ser uma defesa da instituição, mostrando-a como a instituição adequada para o desenvolvimento social e psicológico humano. Há, ademais, posições intermediárias. O presente trabalho se situa nesse terceiro grupo, a saber, será argumentado que a leitura mais adequada é intermediária: a obra reconhece os perigos do casamento à liberdade e desenvolvimento de indivíduos, especialmente de mulheres, mas que mantém a possibilidade de alguns casamentos permitirem mútuo reconhecimento e crescimento moral entre seus membros. Complementarmente, será argumentado que, apesar de algumas mudanças em relação ao texto de Austen, a adaptação cinematográfica de Joe Wright pode ser apreciada por leitoras do original por capturar esse espírito, traduzindo-o para audiências atuais. Tanto o livro original quanto sua adaptação por Wright mostram como o casamento não é absolutamente uma prática que causa liberdade, mas ele pode ser um desenvolvimento complementar da liberdade daqueles dispostos a crescerem juntos num movimento de constante reeducação.

Palavras-chave: filosofia; literatura; cinema; casamento; Cavell.

COMPLETELY AWAKENED: O GÓTICO RACIONALIZADO DE NORTHANGER ABBEY (1817) E A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

MARIA LUIZA RIBEIRO BUZIAN

Resumo: Esta apresentação, fruto de um recorte de uma dissertação de mestrado, tem como objetivo analisar o processo de "racionalização do gótico" no romance Northanger Abbey (1817), de Jane Austen, investigando sua relação direta com a consolidação da autoria feminina no século XIX. A partir de uma crítica sociológica, propõe-se que a transição do gótico de viés romanesco para o realismo presente no gênero novel na obra não é apenas uma escolha estilística, mas uma estratégia deliberada de legitimação de uma voz autoral de mulher. A apresentação elucidará como a protagonista Catherine Morland, ao ter suas fantasias góticas confrontadas pela realidade doméstica, passa por um "despertar" (completely awakened) que simboliza o amadurecimento do próprio gênero romance. Argumenta-se que, ao ancorar o enredo não em fantasias românticas, mas nas restrições sociais e na tirania patriarcal do cotidiano, Austen valida a experiência doméstica, esfera tradicionalmente feminina, como tema de certa complexidade intelectual e crítica social. Por fim, discute-se como esse "gótico rationalizado" permite a Austen defender o romance como um objeto reflexivo de sua época, estabelecendo como um ato socialmente simbólico que pavimentou o caminho para uma tradição de escritoras, transformando a literatura de autoria feminina de um passatempo privado em uma ferramenta de intervenção na arena pública.

Palavras-chave: Jane Austen; gótico; autoria feminina.

DO TEXTO À CAPA: COMO AS EDIÇÕES BRASILEIRAS APRESENTAM JANE AUSTEN NA CONTEMPORANEIDADE

LUCIENE RESENDE DE FREITAS E ADRIANA DOS SANTOS SALES

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as edições brasileiras das obras de Jane Austen, considerando o livro não apenas como texto literário, mas também como objeto material. O estudo parte da observação de diferentes edições publicadas ao longo dos anos, reunidas em um acervo privado, que inclui edições raras e contemporâneas. A pesquisa analisa como os elementos gráficos das edições, especialmente as capas, ilustrações, cores e tipografia, influenciam a forma como as obras de Jane Austen são apresentadas e lidas na atualidade. De modo geral, percebe-se que muitas edições enfatizam uma leitura voltada para o amor romântico, principalmente por meio de imagens femininas e de escolhas visuais associadas à delicadeza e ao romantismo. Dessa forma, a pesquisa procura refletir sobre a diferença entre o conteúdo dos textos e a forma como eles são apresentados visualmente pelo mercado editorial, compreendendo o papel do design editorial e dos elementos que acompanham o texto literário na construção dos sentidos da obra, mostrando como as edições influenciam a recepção e a interpretação de Jane Austen pelos leitores contemporâneos.

Palavras-chave: Jane Austen; paratexto; design editorial; recepção literária; história do livro.

ENTENDENDO JANE AUSTEN A PARTIR DAS ROUPAS

JULIANA LOPES

Resumo: Jane Austen foi uma autora inglesa que viveu entre 1775 e 1817, tendo suas obras publicadas no início do século XIX. Quando falamos em história da moda esse período é chamado de Diretório e Regência na Europa. Os estilos femininos nessa época se diferenciavam da moda que antecedeu esse período, com vestidos mais fluidos e com pouco volume, em contraste com os vestidos espartilhados e usados com armações anteriormente. E porque podemos relacionar a moda regencial com a obra de Jane Austen? Uma característica que marca as obras da autora é a forma como ela detalha e analisa as convenções sociais da época, numa época em que etiqueta e reputação eram importantíssimos. E a moda tem um grande papel nesse contexto, com livros de etiqueta que descreviam códigos ao se vestir e uma sociedade onde um deslize nessa questão poderia suscitar comentários. A moda não existe sem um contexto, ela é um reflexo da sociedade, tecnologias e costumes de um período. É algo vivido pelas pessoas em seu dia a dia, então não é de se surpreender que é um assunto que apareça em produções históricas, ainda mais que o figurino ajuda na construção de um personagem. Em Orgulho e Preconceito as vestimentas de Lizzy Bennet geram comentários entre os demais personagens, e temos adaptações que sabem utilizar a moda para ajudar a contar as histórias que Austen escreveu, como a adaptação de Emma de 2020, que diferencia as diversas camadas sociais dos personagens com o uso do figurino adaptado de peças históricas. Além das classes sociais, mudanças na política, indústria e até mesmo comércio afetam o que as pessoas vestem e o que é considerado elegante. Analisando a história social da moda podemos entender as diversas posições na sociedade, tema que vemos constantemente nas obras de Jane Austen.

Palavras-chave: história; história social da moda; figurino.

ENTRE O GÓTICO E A IRONIA: LEITURAS DE NORTHANGER ABBEY E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

MORGANA RAFAELA DE ANDRADE

Resumo: A obra Northanger Abbey, de Jane Austen, estabelece um diálogo crítico e irônico com o romance gótico, gênero amplamente difundido no final do século XVIII e início do XIX. Ao acompanhar a formação leitora de Catherine Morland, Austen constrói uma narrativa que, ao mesmo tempo, parodia os excessos do gótico e reflete sobre os efeitos da leitura na imaginação, na moral e na construção do sujeito. Esta comunicação tem como objetivo analisar a presença e a ressignificação do gótico em Northanger Abbey, destacando como a ironia austeniana funciona não apenas como recurso estético, mas também como comentário sobre práticas de leitura e recepção literária. A partir dessa análise, propõe-se uma reflexão sobre as potencialidades pedagógicas da obra no contexto do ensino de literatura, especialmente no Ensino Médio. Considerando a aproximação entre jovens leitores e narrativas de mistério, suspense e terror na contemporaneidade, argumenta-se que Northanger Abbey pode funcionar como uma ponte entre o interesse dos estudantes por gêneros populares e a leitura de clássicos da literatura inglesa. A obra permite discutir gêneros literários, estratégias narrativas, ironia, intertextualidade e formação crítica do leitor. Assim, o trabalho busca contribuir tanto para os estudos austenianos quanto para o debate sobre o ensino de literatura, evidenciando a atualidade de Jane Austen e suas possibilidades de diálogo com práticas pedagógicas voltadas à formação de leitores críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Jane Austen; Northanger Abbey; literatura gótica; ensino de literatura; formação do leitor.

JANE AUSTEN E A ESCRITA FEMININA: A CONFIGURAÇÃO DE NOVOS MODELOS DE MULHER EM A ABADIA DE NORTHANGER E ORGULHO E PRECONCEITO

LAILA MENDES CORREIA

Resumo: Este estudo propõe uma leitura crítica de *A Abadia de Northanger* e *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, a partir de uma perspectiva histórico-crítica e de gênero, considerando os limites impostos à educação feminina entre os séculos XVIII e XIX. A palestra discute como as práticas de leitura e escrita, mesmo em um contexto de acesso restrito, desempenham papel central na formação do pensamento crítico e na construção de certa autonomia intelectual das mulheres. Essa palestra propõe questionar a desvalorização do gênero romanesco e os discursos que associavam a mulher à fragilidade intelectual ou à incapacidade racional. Ao colocar a leitura no centro da experiência formativa da protagonista, Austen tensiona concepções educacionais e sociais vigentes em seu tempo. Conclui-se que, embora inserida em uma sociedade patriarcal, Jane Austen oferece uma representação de mulher que antecipa debates posteriores sobre educação, autonomia e agência feminina, reafirmando a relevância da escrita de Austen para a compreensão das transformações nos modelos de mulher na literatura inglesa e de sua influência duradoura na tradição da literatura universal.

Palavras-chave: Jane Austen; escrita feminina; Abadia de Northanger; Orgulho e Preconceito.

JANE AUSTEN NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LITERATURA CLÁSSICA

MARIA SUELLEN LINS DOS SANTOS

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma abordagem educativa para o ensino da literatura clássica na educação básica, por meio da elaboração e aplicação de um projeto literário voltado aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, tendo como referência a obra e a trajetória da escritora Jane Austen. A proposta busca demonstrar como a literatura pode ser trabalhada de forma profunda, contextualizada e significativa, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia leitora e da formação cultural dos estudantes. A pesquisa fundamenta-se em diferentes concepções pedagógicas, aliadas às metodologias ativas, que, de forma integrada, proporcionam experiências de aprendizagem significativas. Adota-se uma abordagem qualitativa, priorizando a observação, a análise reflexiva e a interpretação das práticas desenvolvidas ao longo do projeto. A metodologia utilizada consiste em um estudo de caso, centrado na elaboração, aplicação e análise de um projeto didático-pedagógico estruturado em etapas complementares: estudo do contexto histórico do Romantismo, compreensão das características do período literário, pesquisa sobre a biografia de Jane Austen, apreciação de uma obra cinematográfica baseada em seus livros, análise crítica do filme, leitura orientada de uma obra da autora e, por fim, a produção de um trabalho final. Os resultados apontam que é possível trabalhar a literatura clássica ao longo das aulas do Ensino Médio de forma significativa, mesmo diante das dificuldades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, evidenciando avanços na compreensão textual, no interesse pela leitura e na capacidade interpretativa dos alunos. Conclui-se que o professor exerce papel fundamental no incentivo à leitura literária no contexto escolar, destacando-se a importância da literatura para a formação integral dos estudantes, ao possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico, da sensibilidade estética e da consciência histórica e cultural.

Palavras-chave: literatura clássica; ensino médio; Jane Austen; metodologias ativas; formação do leitor.

JANE AUSTEN SOB O OLHAR BRASILEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO DA ADAPTAÇÃO DE ORGULHO E PRECONCEITO PARA A TELEVISÃO BRASILEIRA

ALICE CEZAR LOURENÇO

Resumo: Os romances de Jane Austen têm inspirado milhares de adaptações ao longo dos anos, tanto em filmes, séries ou mesmo em outros livros. No ano de 2018, o público pôde presenciar a primeira adaptação das obras de Jane Austen para a dramaturgia Brasileira através da novela Orgulho e Paixão. O presente trabalho tem por objetivo analisar especificamente as principais semelhanças e diferenças entre alguns dos momentos mais importantes do romance Orgulho e Preconceito (1813) e a adaptação deles para a telenovela Brasileira. Para tal propósito, este trabalho será conduzido através de uma pesquisa bibliográfica, tendo por base os pressupostos teóricos sobre Jane Austen e suas obras, Adaptações, Dramaturgia Brasileira e Literatura Comparada. Os mesmos conceitos teóricos mencionados acima serão também a base para analisar as razões hipotéticas pelas quais tais semelhanças e diferenças ocorreram. Para isso, usaremos as teorias de autores como Irvine (2005), Tanner (1986), Hutcheon (2006), Pallottini (2012) e Carvalhal (2006).

Palavras-chave: Jane Austen; adaptações; Literatura Comparada; Orgulho e Preconceito.

LITERATURA NA SALA DE AULA DE INGLÊS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM PRIDE AND PREJUDICE, DE JANE AUSTEN

STEFANI MOREIRA AQUINO TOLEDO

Resumo: A palestra a ser proferida objetiva apresentar um recorte da pesquisa de doutorado da autora (Toledo, 2025) – uma autoetnografia docente – sobre o uso da literatura inglesa na Educação Básica pública a partir de uma atividade desenvolvida em sua própria sala de aula, com uma turma de 3º ano do Ensino Médio. A atividade consistiu na leitura e posterior discussão em sala de aula do primeiro capítulo de uma versão online de *Pride and Prejudice*, de Jane Austen, contando com a adaptação de exercícios propostos pelo livro didático *Alive High* (Menezes et al., 2016). Para a análise dos resultados da coleta e geração dos dados (Mattos; Jucá, 2022) da atividade em questão, foram considerados os estudos sobre o letramento crítico (Brasil, 2006; Menezes de Souza, 2011; Duboc, 2015; Mattos, 2019; Caetano, 2023) e sobre o uso da literatura em sala de aula (Bagno; Rangel, 2005; Oss, 2013; Pereira, 2017). O desenvolvimento da atividade evidenciou tanto possibilidades quanto limitações para a adoção de uma perspectiva crítica mais abrangente em relação à atividade literária realizada. Dentre as limitações, a baixa carga horária da disciplina – uma aula por semana de apenas cinquenta minutos – impossibilitou um contato mais sólido com os estudantes para o seu engajamento com a leitura e a realização dos exercícios sobre o capítulo. Apesar disso, como uma das possibilidades, essa atividade literária resultou em posterior envolvimento dos alunos na discussão crítica realizada em sala de aula sobre os aspectos linguísticos e sociais percebidos no capítulo. Por fim, os dados confirmaram que o trabalho com a literatura na sala de aula de inglês é uma oportunidade de os aprendizes dessa língua construírem a sua agência cidadã por meio de sua participação e atuação social como leitores literários críticos.

Palavras-chave: literatura; letramento crítico; língua inglesa; sala de aula; educação básica pública.

O DESIGN DE CAPA DE LIVROS LITERÁRIOS: UM ESTUDO A PARTIR DE EMMA

JHULIANA MARIA SILVA DE SOUZA E LETÍCIA LIMA DE BARROS

Resumo: Este texto objetiva evidenciar como o design de capa de livros literários pode orientar a construção de significados narrativos durante a experiência de leitura. Para isso, selecionamos, como objeto de estudo, edições do livro Emma, de Jane Austen, conforme os critérios de escolha de Mota, Souza e Oliveira (2024). Nossa análise entende as capas enquanto parte dos exemplares, sendo capazes de evidenciar as escolhas projetuais tomadas por casas editoriais, artistas e designers. Também entendemos as capas como recursos que instigam leitores à construção de significados narrativos a partir de repertório prévio, tomando como referencial elementos que o projeto gráfico opta por mostrar – e como ele escolhe mostrar. Por fim, o design de capa, como informação, compreende uma área de interação entre design, cultura e mercado, conforme proposto por Souza (2022). Trazer esse entendimento permite visualizar as convergências e divergências entre o design de capa e as interpretações dos leitores.

Palavras-chave: design de capa; Emma; leitores.

O SISTEMA LEGAL DA PRIMOGENITURA E SUAS IMPLICAÇÕES EM RAZÃO E SENSIBILIDADE: O CONTRASTE ENTRE A EVOLUÇÃO DO DIREITO E A PERMANÊNCIA DA SUBORDINAÇÃO FEMININA

SAMIRA EDUARDA SOARES RIBEIRO E ADRIANA DOS SANTOS SALES

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das estruturas jurídicas que regem a obra Razão e Sensibilidade, de Jane Austen. O objetivo é compreender como os mecanismos do Direito na Inglaterra Regencial, primogenitura, e implicações legais, que contribuem para a mediação da trajetória das personagens, articulando condição social, segurança financeira e a construção do destino feminino. Na narrativa de Austen, o "projeto" da vida das mulheres é definido por uma hierarquia sucessória rígida. O objetivo é investigar como a hierarquia sucessória rígida e o sistema de entailment (implicações legais) excluem as mulheres da herança direta, situando as irmãs Dashwood em um cenário de extrema vulnerabilidade financeira após a morte do patriarca. A metodologia adotada é uma análise exploratória histórico-bibliográfica que confronta o texto literário com a legislação de propriedade e sucessão da época. Os resultados demonstram que o sistema legal forçava a prevalência da "razão" econômica sobre a "sensibilidade" afetiva, transformando o casamento em uma transação estratégica essencial para a sobrevivência. Conclui-se que, embora o sistema legal tenha evoluído com o Married Women's Property Act de 1870, persiste um contraste entre as conquistas jurídicas e a permanência de comportamentos sociais de subordinação. Barreiras contemporâneas, como o conceito de "esposa troféu", refletem a continuidade de lógicas que Austen criticava, evidenciando que a busca por autonomia financeira e igualdade de gênero permanece um desafio atual.

Palavras-chave: Jane Austen; primogenitura; Direito sucessório; Inglaterra regencial; gênero e patrimônio.

ORGULHO E PAIXÃO: JANE AUSTEN NO INTERIOR DE SÃO PAULO

ANA LUCIA TEIXEIRA MENDES DA FONSECA

Resumo: A presente comunicação busca analisar a presença da autora inglesa Jane Austen no polissistema cultural brasileiro e, especificamente, o processo de reescrita e adaptação desenvolvido por Marcos Bernstein, Victor Atherino, Juliana Peres e Giovana Moraes, durante a produção de Orgulho e Paixão, telenovela exibida pela Rede Globo, na faixa das 18:00 em 2018, baseada na obra da autora inglesa. O trabalho se insere no campo dos Estudos da Tradução, especificamente nos Estudos Descritivos da Tradução (Toury, 1995; Lambert, 2011; Van Gorp, 2011) e no campo dos Estudos da Adaptação (Hutcheon, 2013; Sanders, 2016; Stam, 2017; Elleström, 2017, 2021). Como o estudo analisa os contextos socioculturais das obras fonte e da adaptação, a sociologia da tradução também faz parte da base teórica utilizada (Baker, 1999, 2010; Bourdieu, 1986; Kinnunen; Koskinen, 2010) além de recorrer ao aparato teórico de história do Brasil (Napolitano, 2016; Carvalho, 2017) e a bibliografia produzida sobre Jane Austen (Copeland; McMaster, 1997; Kelly, 2016; Butler, 2002). Além disso, o objeto do estudo aqui apresentado é uma telenovela, produto audiovisual com histórico e características particulares, sendo assim uma análise detalhada desse tipo de produto se faz necessária, para melhor compreendermos as escolhas feitas pelos reescritores (Mattos, 2003; Meyer, 2005; Svartman, 2023).

A partir deste estudo, comprehende-se a importância das adaptações em formato de telenovela para apresentar obras literárias do cânone nacional e internacional ao grande público brasileiro, além da centralidade delas no polissistema cultural brasileiro.

Palavras-chave: Jane Austen; adaptação; tradução; telenovela.

"ORGULHO E PRECONCEITO": DA PRODUÇÃO LITERÁRIA A PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA

MIKAELLY KEILA PEREIRA DA SILVA

Resumo: O presente projeto tem por objetivo fazer uma análise do patriarcado presente na produção cinematográfica “Orgulho e Preconceito” do ano de 2005, baseada na produção literária da escritora inglesa Jane Austen, publicado pela primeira vez em 1813. A análise da produção cinematográfica terá por base os seguintes teóricos: Aumont (1995), Bordwell (2013) entre outros de fundamental importância para compreender a produção cinematográfica. Para analisar o patriarcado tem-se as considerações de Fernandes (1996) sobre o sistema e estrutura do patriarcado. Assim como tantas outras produções, o filme em análise tem por como foco o amor dos protagonistas, estes pertencentes a realidades completamente diferentes e que acabam por estabelecer uma relação próxima ao compreenderem que são mais parecidos do que consideravam, mas o que torna esta obra um clássico e pertinente de ser analisada são as questões como: o patriarcado presente na sociedade do século XIX, o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade inglesa entre outras questões que são possíveis de discussão por meio da obra. Por meio da obra “Orgulho e Preconceito” é possível discutir questões culturais associadas a sociedade inglesa, a maneira como a narrativa cinematográfica é direcionada possibilita que os espectadores entrem, não apenas no século XIX, mas na personalidade das mulheres que compõe a obra, também em questões importantes como o sistema patriarcal moderno.

Palavras-chave: Orgulho e Preconceito; obra literária; produção cinematográfica; patriarcado; Jane Austen.

PRINCÍPIOS EDUCATIVOS FEMININOS E A FORMAÇÃO FEMININA EM RAZÃO E SENSIBILIDADE (1811)

EMANUELLY DIAS DOS SANTOS

Resumo: Esta pesquisa é fruto de um Trabalho Final de Graduação (TFG) do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - Campus Cianorte. Analisamos os princípios educativos femininos presentes em Razão e Sensibilidade (1811) de Jane Austen, e sua contribuição para a formação feminina no contexto da Inglaterra regencial. O objetivo geral é analisar tais princípios, e os objetivos específicos se concentram em explicar o contexto da Inglaterra regencial, a vida da autora, e analisar os princípios educativos femininos da obra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, apoiada nos fundamentos da Escola dos Annales, que permite analisar o meio social, cultural e econômico em que a autora vivia. Os resultados indicam que Austen, por meio da narrativa e da construção das personagens, oferece reflexões sobre a formação feminina, sugerindo modos de ação e postura diante das limitações sociais da época. Conclui-se que a obra não apenas relata histórias de romance, mas também propicia a compreensão da formação feminina.

Palavras-chave: Formação feminina; Jane Austen; Literatura; Princípios educativos femininos.

"SERÁ A SENHORITA TÃO SEVERA EM RELAÇÃO A SEU PRÓPRIO SEXO"(?): SOCIEDADE, FAMÍLIA E CASAMENTO EM ORGULHO E PRECONCEITO DE JANE AUSTEN

MARINA PEREIRA OUTEIRO

Resumo: Estudar a sociedade inglesa do século XVIII, privilegiando a ascensão do romance enquanto gênero literário. Para tanto, se utiliza a obra de Jane Austen, Orgulho e Preconceito, centrado nas opiniões divergentes do casal protagonista sobre sociedade, casamento e família.

Palavras-chave: história; literatura; gênero; Austen.

1º COLÓQUIO DA JANE AUSTEN BRASIL

18 ANOS DE LEITURAS E PESQUISAS



Jane Austen Sociedade do Brasil

WWW.JANEAUSTENBRASIL.COM.BR
@JANEAUSTENBRASIL